

REMONTANDO DE PÊCHEUX A FOUCAULT: UMA LEITURA EM CONTRAPONTO

Freda INDURSKY

Universidade Federal Do Rio Grande do Sul

O texto de Pêcheux que devo discutir – *Remontémons¹ de Foucault à Spinoza / Remontons de Foucault à Spinoza / Remontemos de Foucault à Spinoza²* – abre espaço para um momento preliminar que pretendo fazer, antes de abordar especificamente o referido texto.

Muito tem sido dito sobre as relações entre as formulações teóricas de Pêcheux com a *Arqueologia do Saber* de Foucault. Gostaria de iniciar minha reflexão a partir de alguns movimentos que entrelaçam e separam a reflexão destes dois pensadores.

Para tanto, vou reportar-me principalmente à última parte da Arqueologia, onde Foucault vai apontar o que entende por uma descrição arqueológica e então, mais especificamente, vou examinar algumas considerações que o autor faz nos capítulos “*O original e o regular*” e “*As contradições*”, sem, no entanto, deixar de citar outros capítulos em que a noção de Formação Discursiva (FD) vai sendo formulada e caracterizada, pois é justamente aí que a noção de *contradição* vai tomando seu lugar e sua importância no interior desta teoria.

Já de início, lê-se que

¹ O verbo *remontar* aponta para vários sentidos que, em minha opinião, produzem simultaneamente diferentes efeitos de sentido que estão todos presentes no título de Pêcheux e no meu próprio: recuar, separar-se, referir.

² Propositamente coloco os três títulos deste artigo. O primeiro, em espanhol, é o título do trabalho que foi escrito para ser apresentado no congresso realizado na Cidade do México, O discurso político, em 1977. Este texto foi publicado no livro intitulado “Discurso Político”, organizado por Mario Monforte Toledo e publicado pela UNAM em co-edição com a Nueva Imagen, em 1980. É este o texto que servirá de base para minhas citações. O segundo título é do mesmo trabalho, em francês, e foi publicado em *Le discours introuvable*, coletânea de trabalhos de Pêcheux, organizada por Denise Maldidier e publicada pela Ed. des Cendres, Paris, em 1990. E o terceiro é o título de uma tradução “doméstica”, realizada pelo GEADA de Araraquara.

“a história das idéias trata o campo dos discursos como um domínio de dois valores; todo elemento que aí é demarcado pode ser caracterizado como antigo ou novo; inédito ou repetido; tradicional ou original” (FOUCAULT, 1972, p.174).

Ou seja, o autor opõe o *original* e o *regular*. E esta oposição é fundante para a *Arqueologia do Saber*, pois o intuito do autor é mostrar qual é a tarefa da arqueologia e isto pode ser lido, um pouco mais adiante, à p. 178, quando ele afirma que:

“A arqueologia não está à procura de invenções e permanece insensível ao momento em que pela primeira vez alguém esteve certo de uma verdade; a arqueologia não tenta reconstituir a luz dessas manhãs festivas. Não busca santos fundadores. Ela busca revelar a regularidade de uma prática discursiva. Prática que se encontra em todos os seus sucessores menos originais, ou em alguns de seus predecessores. Prática que dá conta não apenas das formações mais originais, mas das que retomaram, até recopiaram de seus predecessores” (Id. ib., p. 178).

Ou seja: Foucault toma como objeto de sua arqueologia o que é da ordem do repetível. As formações discursivas são, pois, constituídas por saberes que se repetem. E, mais adiante, na mesma página, afirma que

“As *regularidades* não são dadas de uma vez por todas... Temos, portanto, *campos homogêneos de regularidades enunciativas, que caracterizam uma formação discursiva, mas tais campos são diferentes entre si*” (FOUCAULT, 1972, p.178). (Os destaques são meus).

A busca pelas regularidades conduziu Foucault a entender que elas existem fora da continuidade, que elas existem na *dispersão* (Op. cit. p. 51) e que, para estudar este sistema de dispersão, é preciso levar em consideração como, nesta dispersão, pode-se chegar a descrever suas formas de *repartição* (id.ib. p.51). Para tanto, indica que é preciso estabelecer as *regras de formação* que presidem tanto a dispersão (no tempo e no espaço) quanto sua repartição, vale dizer, é preciso encontrar as regularidades que permitem tomar saberes dispersos e reparti-los, isto é, individualizá-los em domínios de saber, que são as Formações Discursivas. E Foucault explicita que tais regras de formação dão

“condições de existência (mas também de coexistência, de manutenção, de modificação e de desaparecimento) em um regime de dispersão discursiva dada” (FOUCAULT, op.cit., p. 52).

É interessante observar que Foucault procura desde logo dimensionar com clareza a natureza destas regras de formação e da repartição que delas resulta. Segundo ele,

“No caso em que se pudesse descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, no caso em que, entre os objetos, os tipos de enunciados, os conceitos, as escolhas temáticas, se poderia definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), dir-se-á, por convenção, que se trata de uma formação discursiva – *evitando*, assim, *palavras demasiado carregadas de condições e conseqüências, inadequadas, aliás, para designar semelhante dispersão*, como “ciência”, ou “*ideologia*”, ou “teoria”, ou “domínio de objetividade” (FOUCAULT, op.cit., p. 51) (Os destaques são meus).

Cabem, aqui, algumas considerações. Inicialmente, pode-se dizer que, consideradas assim, as formações discursivas, para Foucault, parecem abrir espaço para uma forma de repartição heterogênea. Mas, como veremos na seqüência, isto não pode ser afirmado de forma tão categórica.

A segunda consideração me conduz a fazer uma comparação entre os dois autores aqui em tela. Pêcheux, em suas formulações iniciais (refiro-me a 69³ e 75⁴, juntamente com Fuchs), também concebia as FD como campos homogêneos. Só em sua obra *Les Vérités de la Palice*, de 75, que, em Português, toma o título de *Semântica e discurso*, é que vai iniciar uma formulação diferenciada desta noção, pois é nessa obra que ele afirma que uma FD é o campo em que ocorrem repetições, mas também transformações, apontando o caráter “*intrinsecamente contraditório*” que regula as relações de produção.

Finalmente, minha terceira consideração aponta para uma diferença muito importante entre os dois pensadores aqui em contraponto. Para

³ Refiro-me aqui à *Analyse automatique du discours*, livro publicado em 1969 e publicado em português em “Por uma análise automática do discurso”, pela Ed da UNICAMP em 1990.

Foucault era preciso afastar a noção de *ideologia*, entre outras, no momento de fazer o exame dos enunciados e de decidir sobre seu pertencimento a uma formação discursiva. Já, para Pêcheux, a ideologia é o critério primeiro a partir do qual pode-se pensar no pertencimento de um enunciado a uma FD bem como na individuação de uma FD. Este é, aliás, o único critério de repartição: trata-se de saber *o que pode e deve ser dito no âmbito de uma FD* e, por conseguinte, o que aí não pode e não deve ser dito. Ou seja: o que, para Foucault, deve ser cuidadosamente evitado se constitui no critério essencial e substantivo para individualizar uma FD, na teoria de Pêcheux. Como se vê, as diferenças suplantam as semelhanças, neste contraponto.

Cabe, pois, ir mais a fundo na concepção de FD para Foucault. Para ele, “definir em sua individualidade singular um sistema de formação é caracterizar um discurso ou um grupo de enunciados pela regularidade de uma prática” (FOUCAULT, 1972, p.92). Eis, pois, o que caracteriza uma formação discursiva: a regularidade de uma prática. E acrescenta que este sistema de formação não é estranho ao tempo. Então, vejamos mais claramente como o tempo aí interfere. Segundo o autor,

“Uma formação discursiva não desempenha , pois, o papel de uma figura que pára o tempo e o enregela por décadas ou séculos; ela determina uma regularidade própria a processos temporais; coloca o princípio de articulação entre uma série de acontecimentos discursivos e outra série de acontecimentos, de transformações, de mutações e de processos. Não uma forma intemporal. Mas um esquema de correspondências de diversas séries temporais”. (FOUCAULT, 1972, p.92)

Mais uma vez, parece que Foucault formula uma concepção de FD sujeita a transformações. O que resta saber é qual o limite de aceitabilidade para tais transformações no interior da FD. Talvez, quando o autor faz a relação entre discurso e enunciado, isto fique mais claro. Diz ele que se pode definir discurso como o “*conjunto dos enunciados que provém de um*

⁴ Trata-se do texto escrito juntamente com Cathérine Fuchs, *Mises au point et perspectives à propos de l'analyse automatique du discours, em 1975* e publicado em português em “Por uma análise automática do discurso”, obra referida na nota anterior.

mesmo sistema de formação” (id., ib., p. 135). Ou seja: estamos novamente face à questão das regularidade. E, mais adiante, isto torna-se ainda mais explícito, quando questiona se é possível pretender, através da descrição dos enunciados, descrever uma formação discursiva. Nesse ponto, o autor afirma que tenta

“mostrar como se pode organizar, *sem falha, sem contradição, sem arbítrio interno*, um domínio em que estão em questão os enunciados, seu princípio de agrupamentos, as grandes unidades históricas que eles podem constituir e os métodos que permitem descrevê-los”. (FOUCAULT, op. cit., p. 143)

Ou seja: as FD admitem diferentes séries temporais em seu interior, mas estas séries devem remeter a um mesmo sistema de formação, no interior do qual não podem ser registradas “*falhas*” nem “*contradições*”. Ou seja: o espaço de transformação existe, mas é fortemente regulado. Este é o outro fator que sustenta fortemente as críticas de Pêcheux quanto à concepção de discurso, de formação discursiva e de contradição, tal como estas noções foram formuladas por Foucault.

Nesse ponto, vamos fazer uma breve interrupção na análise que estamos fazendo para acompanhar o modo como Pêcheux reflete sobre a produção do conhecimento e sua apropriação. Isto não apenas vai nos ajudar a pensar as relações teóricas entre estes dois pensadores, mas também vai nos apontar como a reflexão sobre a FD é pensada por ele. Para tanto, voltamos novamente à Semântica e Discurso.

Nesse livro, Pêcheux examina três modos diversos, por ele designados de *tomadas de posição*, de se relacionar com a produção do conhecimento e com a prática do político. E estas *tomadas de posição* mostram o “*trabalho de recobrimento-reprodução-reinscrição*” (PÊCHEUX, 1988, p. 213) que o sujeito do discurso estabelece em relação aos saberes de uma formação discursiva e com a forma-sujeito que organiza tais saberes. Ou seja, estamos diante de um entrelaçamento teórico fundamental na teoria de Pêcheux e que consiste na relação entre os saberes de uma FD, a Forma-Sujeito que organiza e regula o pertencimento destes saberes a uma FD e a identificação que o sujeito do

discurso faz com estes saberes, estabelecendo diferentes modos de se relacionar com a Forma-Sujeito e, por seu viés, com a ideologia. Vejamos então como tais tomadas de posição se dão.

A *primeira tomada de posição* aponta para uma *plena identificação* do sujeito do discurso com os saberes da FD que o afeta; ou seja, o sujeito identifica-se plenamente com a FD em que tais saberes estão inscritos. Diria que, neste caso, o sujeito *reproduz* o conhecimento.

A *segunda tomada de posição* sinaliza uma identificação com restrições, dúvidas, discordâncias, questionamentos, afastamentos, contestações; trata-se de uma *contra-identificação* com os saberes da FD e sua forma-sujeito; este é o espaço para o surgimento de diferentes posições-sujeito no âmbito de uma FD e é a partir destas novas posições-sujeito que o saber começa a ser transformado e a diferença e a divergência são introduzida no âmbito de uma FD.

E a *terceira tomada de posição* marca a *desidentificação* do sujeito com a FD em que está inscrito, ou seja, o grau de divergência é tão grande que o sujeito desidentifica-se com a FD e sua forma-sujeito para identificar-se com outra FD e, conseqüentemente, com outra forma-sujeito. Diria mesmo que suas divergências são da ordem do antagonismo e seus questionamentos já são produzidos de um outro lugar, de fora da FD. A desidentificação sinaliza que, de fato, o sujeito já identificou-se com outro domínio de saber, com uma outra ideologia, com uma outra forma-sujeito.

Dito de outra forma: a relação com o conhecimento científico não consiste apenas em referir, fazer menção ou mesmo usar um conceito cunhado em determinado domínio de saber. Pode apresentar esta feição e, quando isto ocorre, o sujeito está reproduzindo o saber; mas o recobrimento não é a única forma de se relacionar com o conhecimento. Quando o sujeito não se limita a reproduzi-lo, a produção do conhecimento passa por um processo que Pêcheux designou de *apropriação* e a própria noção de apropriação deve ser repensada, pois apropriar-se não significa citar, nem tomar o que é do outro e apresentá-lo como seu. *Apropriação*

significa tornar seu um conceito proveniente de outro lugar e isto só pode ocorrer pelo processo de teorização. Transformar o conhecimento é teorizar. Este é o movimento que Pêcheux intitulou de *apropriação* e quando isto ocorre trata-se de reconfigurar o conhecimento e reinscrevê-lo em outro quadro teórico ou em outro domínio de saber, de onde decorre sua ressignificação. E este trabalho de reconfiguração é o trabalho de um sujeito interpelado ideologicamente, ou seja, o trabalho de reconfiguração do conhecimento é o trabalho do sujeito enquanto autor e responsável por suas formulações.

Apropriar-se, pois, consiste em inscrever em um quadro teórico, pelo viés da teorização, um conceito que, com outra acepção, foi formulado em outro domínio de saber. A apropriação teórica produz, pois, a ressignificação de conceitos e noções: pelo viés da teorização, estas noções se modificam, se transformam. Vale dizer que a concepção de *reprodução/transformação* do conhecimento de que trata Pêcheux está plenamente contemplada nessa distinção: a citação formal pode, talvez, remeter predominantemente para a reprodução, que equivale à plena identificação; já a apropriação aponta para a reprodução/transformação/reinscrição, ou seja, para a ressignificação. Estes são dois modos distintos de trabalhar com o conhecimento científico: ou estes são reproduzidos, ou são apropriados e transformados.

Dito diferentemente: na produção do conhecimento há/deve haver espaço para deslizamentos, deslocamentos, e isto sucede, de acordo com Pêcheux, em função da tensão existente entre o complexo das ideologias teóricas que determinam os “interesses” teóricos em confronto (PÊCHEUX, 1988, p.191). É isto que Pêcheux chama de “*processo materialista do conhecimento*” (id. lb. p.196) que se caracteriza por ser um “*processo sem sujeito, isto é, um processo do qual todo sujeito, como tal, está ausente*” e ainda “*o processo de produção dos conhecimentos se opera através das tomadas de posição (demarcações)*”. (PÊCHEUX, 1988, p. 198).

Sobre tal processo de apropriação, cabem três observações. A primeira explicita com clareza o próprio trabalho teórico de reconfiguração realizado por Pêcheux em relação às noções formuladas por Foucault, pois, como pudemos observar mais acima, ele apropriou-se da noção de formação discursiva, teorizou-a, reconfigurou-a e, a partir deste trabalho resultou a reinscrição desta noção em sua teoria marxista do discurso, resultando daí sua ressignificação. Ou seja: Foucault e Pêcheux elaboraram formulações teóricas diversas de FD. Trata-se, pois, de duas diferentes noções sob a aparência do mesmo significante.

A segunda observação permite avançar algo mais: as formulações de Foucault e de Pêcheux não se inscrevem no mesmo sistema de formação dos objetos teóricos porque, para Foucault, como vimos mais acima, o recurso à ideologia, para identificar um sistema de formação, está totalmente afastado, enquanto, para Pêcheux, esta é a condição essencial.

Esta forma de refletir sobre a produção do conhecimento autoriza igualmente uma terceira observação. Para Pêcheux, as FD não são um campo de saber homogêneo, como inicialmente suas formulações sugeriam. Em função das divergências, questionamentos e recuos que as tomadas de posição introduzem no âmbito de uma FD, um processo de transformação/ressignificação é introduzido no interior da formação discursiva. Dizendo de outra forma: recuos e questionamentos que caracterizam a segunda tomada de posição podem conduzir à incorporação de elementos provenientes de um outro sistema de formação, tornando a FD heterogênea.

No que diz respeito ao terceiro modo pelo qual o sujeito se relaciona com o conhecimento, a desidentificação, o sujeito do discurso não se identifica com o saber da FD em que está inscrito, nem tampouco a questiona. Na verdade, trata-se, aqui, de uma situação diversa: não se trata mais de questionar de dentro a FD, como ocorre na segunda tomada de posição. A exposição à diferença é tão intensa, nessa terceira modalidade, que o sujeito, de fato, rompe com a FD em que está inscrito para inscrever-

se/identificar-se com outra FD. Como se vê, a teoria de Pêcheux não contempla apenas o repetível, o regular. Interessa-lhe também o acontecimento discursivo⁵, do qual não trataremos neste trabalho, por não ser este o seu foco principal.

As questões que precedem são importantes para acompanharmos a reflexão que Pêcheux desenvolve no texto “*Remontémons de Spinoza a Foucault*”. Nesse texto de 77, Pêcheux, para repensar a noção de ideologia e de FD, faz um contraste entre Foucault e Spinoza. Mais exatamente, critica a concepção de discurso e de formação discursiva, concebidas por Foucault, sinalizando que Spinoza era mais materialista que Foucault, sendo que o primeiro produziu seus escritos 300 anos antes do advento do materialismo histórico e Foucault viveu e escreveu em pleno conhecimento dessa teoria. Mais exatamente: para contrastar estes dois pensadores, Pêcheux elege a noção de *contradição*, mostrando que esta categoria, tal como pode ser depreendida dos escritos de Spinoza, é mais produtiva para as questões do discurso e para refletir sobre as noções de ideologia e de FD do que o modo como Foucault a formulou. De minha parte, acrescento que se o discurso religioso analisado por Spinoza tivesse sido examinado por Foucault, seu percurso teria sido diverso, pois, a partir de sua concepção de Formação discursiva seria impossível, a partir do discurso religioso, chegar ao político. Mas vejamos isto mais detalhadamente.

Passo, pois, a examinar a noção de contradição, tal como formulada na Arqueologia. Sua concepção de contradição é bastante interessante, pois num dado momento afirma que

“o discurso é o caminho de uma contradição a outra: se dá lugar às que vemos, é que obedece à que oculta. Analisar o discurso é fazer desaparecer e reaparecer as contradições; é mostrar o jogo que jogam entre si” (FOUCAULT, op. cit., p.187)

Parece-me bastante instigante pensar a contradição desta forma, sobretudo quando afirma que

⁵ Embora a noção de ruptura já esteja sinalizada, através da noção de desidentificação, na obra de Pêcheux, desde 75, em *Semântica e Discurso*, a noção será desenvolvida e teorizada, juntamente com a de

“uma formação discursiva não é [...] o texto ideal, contínuo e sem aspereza. [...] É antes um espaço de dissensões múltiplas; é um conjunto de oposições diferentes cujos níveis e papéis devem ser descritos” (FOUCAULT, 1972, p.193).

Num primeiro momento, examinando a citação precedente, pode-se entender que a mesma concepção de contradição está contemplada pelos dois teóricos em contraponto no presente trabalho. Mas não é este o caso. Lendo mais atentamente este capítulo (id.ib. p. 189), percebe-se que Foucault distingue dois tipos de contradição diferentes.

O primeiro consiste em modos diferentes e incompatíveis de empregar um mesmo conceito. Ele chama este tipo de *contradição extrínseca*, pois opõe duas FD distintas. E o segundo, a *contradição intrínseca*, se constitui no interior da FD. E o autor afirma que “*são as oposições intrínsecas que são pertinentes para a análise arqueológica*” (FOUCAULT, op. cit., p.190). Apuremos um pouco mais sua reflexão. Em sua acepção, tais contradições nascem em um ponto específico do sistema das formações, fazendo surgir subsistemas. Para exemplificar, toma um exemplo da história natural, tal como praticada no século XVIII. Neste campo, entender-se-ia contratória a oposição que se estabelece entre análises “metódicas” e análises “sistêmicas”. E sobre isto afirma que

“a oposição não é terminal: não são duas proposições contraditórias a propósito do mesmo objeto, não são duas utilizações incompatíveis do mesmo conceito, mas duas maneiras de formar enunciados, caracterizados uns e outros por certos objetos, certas posições de subjetividade, certos conceitos ...” (FOUCAULT, 1972, p. 189).

Esta concepção de contradição, afirma Foucault, é de natureza intrínseca e se desenvolve no interior da própria formação discursiva, nascendo em um ponto do sistema de formação dos objetos, fazendo surgir subsistemas. No caso dos dois subsistemas do exemplo acima, é possível “mostrar em que ponto *eles derivam ambos de uma única e mesma positividade, que é a história natural*” (id.ib., p. 190). Este poderia ser o ponto sobre o qual Pêcheux apóia-se para

criticar Foucault: as transformações de que fala Foucault e que vão instaurar a contradição se originam de uma mesma positividade, ou seja, de uma mesma Formação Discursiva. Vale dizer: as análises de Spinoza nunca poderiam ser feitas a partir da concepção de contradição de Spinoza, pois o religioso e o político consistem em duas positivities diversas. Na Arqueologia, não se cogita a possibilidade de migração de saberes de um campo de conhecimento para o outro. E é nesta direção que a reflexão de Pêcheux vai. Inicia-se já em Semântica e Discurso e se desenvolve forte e substantivamente em Remontémos de Spinoza a Foucault.

É exatamente esta concepção foucaultiana de contradição que Pêcheux vai criticar, no texto aqui em exame. Diz ele, que “*a ideologia e seu discurso não pode ser de forma alguma compreendida como um bloco homogêneo, idêntico a si mesmo*” (Pêcheux, 1980, p. 192)⁶. E afirma isto com base em análises extraídas de Spinoza, que (id.ib, p.191) partiu da teologia para chegar, através do trabalho de transformação, ao direito e à política, e este movimento não poderia ser acompanhado a partir das formulações de Foucault. E, mais adiante, nesta mesma página, começa-se a definir com maior clareza onde reside a diferença entre Foucault e Pêcheux, quando este último afirma que

“uma ideologia não é idêntica a si mesma, só existe sob a modalidade da divisão e apenas se realiza na contradição que com ela organiza a unidade e a luta dos contrários”. (PÊCHEUX, 1980, p.191)

Ou seja: para Pêcheux, a contradição vai muito além do que Foucault entende por *contradição intrínseca*; para ele, ela ultrapassa “*os diferentes modos compatíveis de utilizar um mesmo conceito*”. Esta ultrapassagem assume conseqüências teóricas importantes. Se a ideologia está atravessada pela contradição, tal fato determina que a FD, que pode ser pensada como um recorte discursivo da Formação Ideológica, desde o momento de sua individuação, já surge marcada pela contradição, ou seja, uma FD é, desde sempre, já ideológica e contraditória. Como se vê, a ultrapassagem é pelo viés da teorização. Tanto a noção de Formação Discursiva quanto a noção de contradição passam pelo processo de *apropriação/teorização* a que me referi mais acima.

Sobre esta questão, afirma Pêcheux:

“Não se trata de recusar Foucault [...], mas de desenvolver a categoria marxista de contradição pelo viés de uma apropriação face à teoria e à prática [...]”.(id. ib., p.194).

Vejamos como Pêcheux faz isto. Ao teorizar a categoria de contradição, (id.ib. p. 195), afirma que “*a propósito da ideologia, trata-se de pensar a contradição de dois mundos em um só*” e, citando Marx, diz que “*o novo nasce no velho*”, o que foi reformulado por Lenin como “*o um se divide em dois*”. Com base nisso, Pêcheux defende que só é possível conceber a “*contradição como desigual*”, ou seja, estamos face ao que ele descreve como relações de “*contradição-desigualdade-subordinação*”. É este movimento de apropriação/teorização que conduz ao processo de apropriação do conhecimento, o qual aponta para o que Pêcheux chamou de *processo materialista do conhecimento*.

Tais considerações sobre a concepção de ideologia, fortemente marcada pela noção de contradição, tal como entendida por Pêcheux, vão incidir fortemente sobre a concepção de FD, como acabamos de afirmar. Pêcheux pensa não ser possível “*caracterizar uma formação discursiva, classificando-a entre outras formações discursivas, mediante alguma tipologia*”. Em seu entender, trata-se bem mais de pensá-las, “*a um só tempo, como idênticas e divididas*”. (PÊCHEUX, 1980, p.196) Vale dizer: as FD estão sob o *primado da contradição*, e isto abre espaço para conceber a FD como heterogênea, constituída por saberes que vêm de outro lugar, de uma outra formação discursiva ou, ainda, como provenientes do interdiscurso.

E uma FD entendida desta forma, vai desencadear masi do que o desdobramento da Forma-Sujeito em duas tomadas de posição. De fato, este desdobramento conduz a pensar na fragmentação da forma-sujeito em várias posições-sujeito desiguais entre si. É aí que reside a contradição, no meu entender: a existência da diversidade contraditória, instaurada pela entrada de saberes diferentes e muitas vezes divergentes, no interior da FD. Ou seja: tais saberes não se originam todos no interior da mesma FD, nem fazem parte de um

⁶ A tradução é minha.

subsistema no interior do sistema. Tais saberes são provenientes do exterior e, num determinado momento histórico, passam a poder ser ditos no âmbito da FD. É isto que entendo por uma FD heterogênea em relação a ela mesma.⁷

Como se vê, através dos pontos que elegi para fazer este contraponto entre Pêcheux e Foucault, tangencia-se constantemente semelhanças teóricas que, de imediato, fazem aparecer diferenças que demarcam o modo como ambos conceberam o discurso e as noções fundamentais para dele tratar. Diria, pois, que Pêcheux relaciona-se de modo tenso com a teoria de Foucault, questionando, criticando, se distanciando, o que o conduz a um processo de *apropriação/teorização/transformação* que resulta em demarcações profundas entre suas formulações e as de Foucault. Dessa turbulência teórica resulta o processo de produção de uma teoria marxista da Análise do Discurso, onde estranhamento e transformação marcam indelevelmente o pensamento inquieto e profundamente renovador de Michel Pêcheux.

BIBLIOGRAFIA

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do Saber*. Petrópolis, Vozes, 1972.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e Discurso*. Campinas, Ed da UNICAMP, 1988.

_____. Remontémonos de Foucault a Spinoza. *In*: TOLEDO, Mario Monforte (org) . *El discurso político*. México, Nueva Imagen, 1980.

⁷ A este propósito, conferir meu trabalho, *Do desdobramento à fragmentação do sujeito em Análise do Discurso*, publicado no CD-ROM Síntese 2, ANPOLL, Porto Alegre, 2000.